

A dona do tempo

Colecionar calendários era seu prazer preferido. Colava na parede do conjugado 10x15 todas as espécies de folhinhas, que todo ano o tintureiro, o verdureiro e outros lhe davam.

A estampa não tinha importância. Certa vez, colava uma sensual e imensa mulher nua, de seios fartos e quadris largos, na parede em frente a sua Santa de devoção. Lagos, crianças e cachorros, todos belos e felizes, contrastando com a apatia da sua vida e do seu lar.

Guardava e empilhava calendários controlando metódicamente a passagem de cada dia, mês e ano. E, como dona do tempo, arancava todos os dias a folhinha do passado quase presente, que já se fora. Sem ela os dias seriam os mesmos. Não passariam ou correriam demais e as pessoas ficariam velhas num rápido piscar de olhos.

A juventude seria efêmera, como fora a sua, entre um "milk shake" e outro, os cabelos tingiram-se de branco e a pele lisa esbranquiçada adquiriria a textura de um velho pergaminho sem histórias.

Para manter a ordem correta do mundo dos homens, ela contava horas, segundos, dos longos dias que escorriam pelo ralo da pia. Um dia irmão gêmeo do outro. Mudando os números que cresciam e minguavam de acordo com a sequência da tabuada decorada.

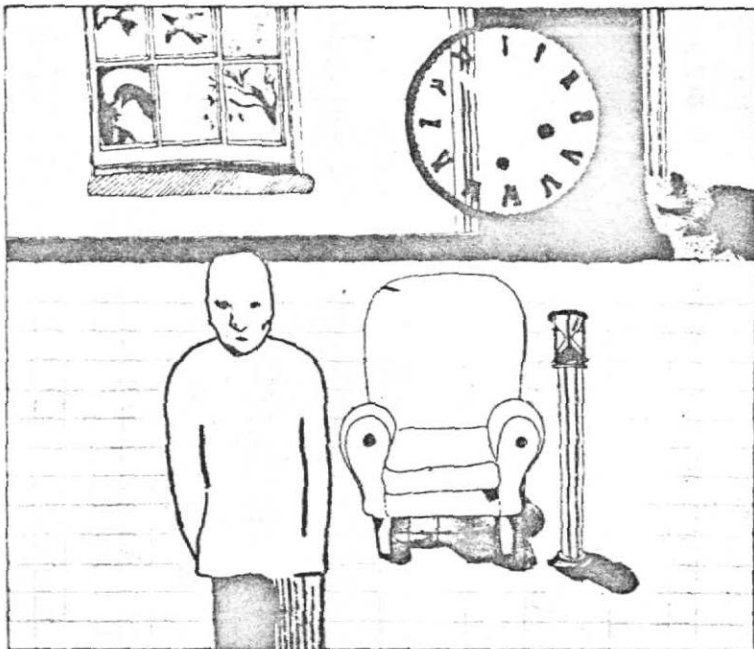
Mais estranhos eram os meses. Começavam quentes e compridos como janeiro, diminuiam em cor e tamanho em abril, maio... para se tornarem novamente potentes e garbosos em setembro. Quem sabe a força energética da primavera.

E assim era sempre. A cada arrancar de página, o tempo fermentava e crescia como pão, aumentando sua preocupação e angústia. Afinal, ela era a guardiã do tempo e este, ingrato, não a poupava. As marcas ficavam mais fundas e o abismo não respeitava nem o primeiro do mês tão fresquinho.

Como um velho caderno em branco ela amarelecia, as traças da gaveta roiam sua alma e tudo ficava igual. Sem versos, tratados e escritos. Sua esperança juvenil de feliz para sempre era engolida pelo descaço do destino. A emoção cinematográfica de um "Vento Levou" não aconteceu jamais, o suor nas têmporas e o frio no estômago foram sensações há muito esquecidas, já que fazem anos que ela não vai ao dentista.

No canto calendários usados se empilhavam, como prova tenaz dos seus anos vazios. Nem o vermelho dos feriados mudava sua rotina. E murchando como a lua que já fora cheia, ela seguia impertinente arrancando folhinha por folhinha dos dias ofegantes, sabendo consciente que, num dia qualquer, as folhas ficariam amareladas e murchas. Um vizinho de apartamento sentia um cheiro de decadência, insupportável, que até a sombra de chuva e a até não amassado zeloso.

Claudia Grunce



OBJETANDO

Contém imediato o que lhe aparece.

Silêncio mudo e cristalino, na busca da exatidão.

Aparente ou interna?

Lâmina fria que cepta com cuidado a temperatura da estação. Se a destruo, mil pedaços me recuperam.

Quando num quarto escuro me deparo com a lâmina sem ruído, percebo que não está calada. Pois com a chegada da luz, vai transformar em conteúdo duas expectativas: a minha e a das coisas.

Sempre povoado; às vezes, in-

terferido. Camaleão incansável.

O mundo e seu silêncio, pois a olho nu parece-nos estático.

Como Narciso em uma lagoa, observa-se na tarde. Duas dimensões: o desejo e os objetos em plena metamorfose.

Simone Gontier

Um mergulho nas saudades

Uma, duas tragadas e a fumaça se diluiu no ar. Por mais que a silenciosa brisa entrasse no quarto para desfazer aquela nuvem branca do cigarro, o cheiro não apagava a sensação estranha.

A convite de ninguém, ela batia na porta do meu pensamento, agindo como um imperativo condicional. E ela era sempre plural, lembrança possuída pelo desejo de reviver os momentos passados.

Mergulho num copo altamente alcoólico e, de repente, embora o olho inchado parecesse imprestável, via claramente aquela emoção passada, retratada no murmúrio da composição líquida.

Nada era ficção. Este estranho sentimento fazia parte de mim, como um delírio nostálgico, expressão do presente passado.

Já era tarde da noite. Mas qualquer que fosse o momento, a dor pela distância das lembranças daqueles instantes de vida precipitava e fazia valsar no tempo todas as pulsações espirituais e mentais. E tudo isto tinha um nome. Chamaria este vulcão memorial de margarida, carro de boi ou então de aquela, pois não fazia questão de lembrar a sua denominação vocabular.

Eu sentia o prazer de sentir aquela nos objetos que nós dois tão bem conhecíamos. A explosão de nossa solidão humana estava materializada naquele papel de carta rasurado, nas flores já murchas pelo longo tempo passado e nas rugas entranhadas em meu rosto.

O murmúrio e a lágrima retralida nada faziam senão aumentar a intensidade daquele estranho prazer amarelado.

Mas como chamaria esta "aquela"? Cada vez mais procurava uma denominação adequada ao nível da sensação àquela, a certeza de que o batismo fora feito século atrás, tomava conta de mim. Sabia que esta efervescência emocional estava encarcerada gelada em folhas de papel de dicionário. Encontraria esta nostalgia choramingando sibilante ao ritmo suave das imagens das coisas e das pessoas.

Aquela era a ressurreição da eternidade.

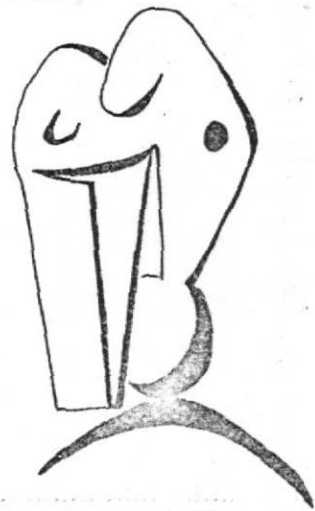
Fátima Hisae

(Es) calando

Sísifo se ligou demais às coisas deste mundo. Por isto, teve o seu castigo: foi condenado pelos deuses a fazer rolar ininterruptamente uma rocha para o alto de uma colina. Albert Camus e o homem sem esperança. Pablo Picasso e o asceticismo da cor nos tons escuros. Ambos na procura de uma forma que pudesse traduzir o movimento vital. O absurdo das experiências e suas organizações formais no mundo da arte. Nihilismo absoluto, sincero.

O homem como que desfigurado de suas próprias formas. Correndo para dentro, na medida em que é pincelado para fora. Uma imagem trágica, pois a doutrina da tragédia reside no mistério. Geometria que não se entende: descubra-se. Certa vez, Picasso afirmou: — "Todos querem entender a arte. Por que não tentam entender um canto de um pássaro?"

Lina Cristiane



OV devertigo

Sexta-feira. Sessão da Tarde. Eu e a poltrona. A Kim Novak fingindo ser feiteira, nunca mais será mesma.

Folheio o jornal, Política e Ilustração, tudo o mais é enfeite. Sessão de cinema, Um Corpo Que cai, Gemini 1, 21:30. Perfeito! Poderei ver os olhos dele.

Disco Disco Disco Disco Disco Disco. A secretária atende. Preciso esperar 2 telefonemas que estão na frente. Ele trabalha demais, vide o sono e olheiras. O que dizer de um homem que insiste fazer uma nova arte?

Espero Espero Espero Espero. Ouço vozes no telefone, mas não a dele.

— Alô, Sônia?

— Mas Prag... isso é o signo da descoberta!

— Ronaldo, aonde está você?

— Mantendo um relação de Analogia com o objeto...

— A dois passos do Paraíso, entre o metrô e as "Óticas Lógicas".

— Anal, o quê? Quem é esse Objeto, Ronaldo?

— Semiótica?

— Não... Sônia. É miopia mesmo. Agora eu uso óculos.

Linhas cruzadas, bocas cruzadas. Palavras cruzadas são o único modo de esperar por ele que nunca atende: "Aparelho de comunicação do século XX com 9 letras, sendo a do meio um V". A certeza!

T...e...l...e...v...i...s...ã...o. Como uma vertigem surge a voz dele no telefone:

— Não... é engano. Aqui há é produtora de televisão.

— Mas... sou eu...

Tarde demais. Tém Tém Tém Tém Tém Tém Tém. Ligação desligada. Mais tarde explico a ele que tudo não passou de um engano.

Sexta-feira. Última sessão. Gemini 1. Eu e a poltrona. A Kim Novak é a feiteira, nunca mais será a mesma.

Christine Mello

E novamente as flores

1812. Demorei até ter coragem de abrir o caderno. O casal de bailarinos no teatro Municipal não me saía da cabeça. O cenário era escuro e fechado, o interior de algum lugar. Aos poucos, a suave música ia se tornando audível, penetrante: os instrumentos da grande orquestra começam a despertar. Um clarinete anuncia o amanhecer, mas o som grave dos violoncelos traz os resquícios da noite anterior. Momentos de calma se alternam com instantes de suspense e luta, provocados por pratos e tambores.

Por algumas vezes, a Marselhesa tentara se impor sobre aquela marcha, sendo aos poucos silenciada, silenciada, silenciada... A calma se alastra e alguma coisa me faz lembrar de velhos clássicos hollywoodianos. Mas, eis que há uma indefinição na música e os instrumentos passam a dialogar entre si. Um monólito, tecido em forma de escala, é logo rebatido com a fúria, novamente, de tambores e pratos.

A discussão se acirra cada vez mais e mais, culminando numa marcha triunfal, típica da cavalaria americana. O fim é arrastado, como se os próprios instrumentos retentassem em anunciar. Mas o final é inevitável e a que fica são os sons do silêncio. Os bailarinos se recolhem, as cortinas se fecham e o eco permanece vivo em nossas mentes...

Milene Abud